

Multinacionais vêm com tranquilidade a mudança de governo

CELINA MONTEIRO DE BARROS

O capital estrangeiro no Brasil está tranqüilo em relação à mudança de governo, por acreditar que o presidente eleito, Tancredo Neves, adotará uma linha de continuidade e reajustamento da economia, sem provocar grandes traumas. O controle da inflação e da dívida interna é o principal desafio para o novo governo, segundo os empresários, que prevêem uma renegociação da dívida externa sob pressões mais amenas.

O presidente da Câmara Americana de Comércio (Secção São Paulo) e da Dow Química, Enrique Sosa, destacou, no entanto, "que ninguém vai sair dessa situação sem perder alguma coisa", e considerou que uma trégua por parte de todos os setores da economia é melhor do que um pacto. O diretor superintendente da Pirelli, Gianbattista de Giorgi, lembrou que "só agora que superamos a recessão podemos medir o que ela significou em termos trabalhistas e de poder aquisitivo da classe média", enquanto o presidente da Hoechst do Brasil, Cláudio Sonder, advertiu para a importância dos problemas sociais que o novo governo enfrentará, especialmente a necessidade de gerar novos empregos.

De qualquer forma, as empresas estrangeiras já passaram pelo pior período e terão um lucro maior ao fechar seus balanços de 1984 do que no ano anterior. Mesmo se sentindo ameaçadas pelo "fantasma" da reserva de mercado, estabelecida para o setor de informática, muitas multinacionais continuam investindo no Brasil, por considerarem sua legislação tributária adequada e o mercado potencial bastante promissor. Os empresários prevêem um ano agitado na área trabalhista, "de teste" ao novo governo, e acreditam que o País continuará a crescer, gradativamente, nos mesmos níveis registrados no final de 1984.

Crescimento sem inflação, um desafio

O grande impasse para o novo governo será conciliar o crescimento da economia e necessidades sociais com o combate à inflação. Segundo Sosa, a maior preocupação das empresas multinacionais é justamente o ritmo inflacionário, que nos últimos 60 dias fez os empresários mudarem suas previsões de um patamar otimista de 230% e pessimista de 260% para uma faixa entre 300 e 400%. "Antes a inflação de 300% era somente possível, mas agora é também provável", disse Sosa.

O presidente da Câmara Americana de Comércio previu que, se a tendência altista permanecer, as medidas de combate atualmente tomadas não serão suficientes, exigindo um tratamento de choque — que fatalmente iria de encontro ao crescimento da economia. O presidente da Hoechst destacou a diferença entre o que a empresa "quer e o que sente" em relação à inflação, dizendo que sua expectativa era a de manutenção da taxa de 1984 ou então de tendência decrescente, mas nos últimos meses já se sente uma inflação em crescimento. O superintendente da Pirelli definiu o mês de janeiro como "pesado", e previu que todo o primeiro semestre será assim, mas ainda acredita em uma taxa anual de inflação semelhante à de 1984.

Segundo de Giorgi, o crescimento real da produção industrial ficará entre 5 e 6% este ano, com um Produto Interno Bruto (PIB) de 4%, dependendo da agricultura. Sonder acredita em crescimento do PIB em torno de 5%.

DÍVIDA

A dívida interna será outro ponto de difícil solução, muito mais grave que a dívida externa, que segundo Sonder "será resolvida de uma ou de outra forma". O presidente da Câmara Americana de Comércio destacou que, com o forte apoio que tem o presidente Reagan, os Estados Unidos terão condições de criar um ambiente de ajuda favorável ao Brasil. De Giorgi também acredita em uma solução melhor para o País, "mas sem atingir as metas ambiciosas que um grupo que apoiou Tancredo Neves esperava, pois o Brasil não decretará a moratória".

No aspecto da exportação, os empresários lembraram que o fortalecimento do dólar no mercado internacional deverá dificultar as exportações brasileiras, que serão afetadas em termos de competitividade. A Pirelli registrou em 1984 crescimento real de 45% em suas exportações em relação ao ano anterior, com volume total de US\$ 100 milhões. Sua previsão, para este ano, em função do fortalecimento do dólar e da perda de incentivos, é chegar a US\$ 115 milhões. A Hoechst, que vende cerca de 92% de sua produção no mercado interno, muitas vezes exportando indiretamente, coloca 8% de seus produtos diretamente no mercado internacional, e pretende aumentar a cada ano suas exportações.



Sosa defende trégua

Arquivo

Greves serão primeiro teste após a posse

As sucessivas greves que ocorreram nos últimos meses em empresas estrangeiras preocupam seus dirigentes, que prevêem um período tumultuado na área trabalhista em 1985. O superintendente da Pirelli disse esperar um ano importante nesse setor, motivado mais por razões políticas e pela expectativa de maior fraqueza de resposta do novo governo, "que passará pelo tradicional teste, como aconteceu em 1979 com o governo Figueiredo".

De Giorgi destacou a queda do poder real de compra nos últimos anos e o grande número de demissões, mas lembrou que a indústria paulista já está readmitindo, e considerou provável que este ano registre maior número de horas de greve do que 1984, concentradas especialmente no primeiro semestre, quando assumirá o novo governo.

Segundo Sosa, os empresários estrangeiros estão na expectativa de se o movimento grevista vai-se expandir e "se a parte sindical não vai participar dessa trégua no novo governo". O presidente da Hoechst defendeu o diálogo entre empregados e empregadores como forma de resolver a situação, e afirmou que com a perspectiva de crescimento da economia essa equação pode ser resolvida. Por outro lado, Sonder lembrou a necessidade de criação de empregos para se tirar um pouco a pressão que existe sobre as depressões que apareceram nos últimos anos no mercado de trabalho.

RESERVA

A reserva de mercado estabelecida para o setor de informática é considerada pelos empresários estrangeiros o maior obstáculo aos investimentos no Brasil porque, segundo De Giorgi, "é um caminho que não se sabe onde pode dar, e o critério é que preocupa". As condições de tributação e remessas de lucro para o Exterior foram consideradas "na média" pelo superintendente da Pirelli, "mas não poder participar do mercado é gravíssimo".

Sosa acredita que o governo ainda pode estimular mais os investimentos estrangeiros no País, especialmente como capital de risco, e criticou o controle de preços, que considera "político". Ele destacou ainda a importância de o governo "acabar com as surpresas", ou seja, as portarias baixadas "para resolver um problema imediato sem considerar todas as consequências, que envenenam o ambiente".

O presidente da Hoechst lembrou que a política tributária brasileira foi bastante aperfeiçoada nos últimos anos, e disse não ver áreas onde poderia ser intensificada. Sonder advertiu, no entanto, que o que não se deve fazer é voltar aos subsídios fiscais, "que são medidas inflacionárias", pois se deve manter o País em uma realidade econômica.